

5.

Conclusão

Durante a nossa investigação em torno do universo literário de José Gomes Ferreira proporcionamos o cruzamento do diário e da poesia com o intuito de obter uma leitura mais clara sobre a escrita diarística. Foi possível perceber que, no instante em que a poesia concentra as idéias de maneira sucinta e imagética, o diário dilui o mesmo tema de forma linear em busca de explicações apresentadas pela poesia, ou vice versa, criando assim uma arte poética sobre a qual tentamos refletir.

A necessidade de Gomes Ferreira de concluir de forma literária as idéias sobre os dias comuns (assim se refere o poeta ao falar do dia-a-dia) advém da coragem de poder criar novas interpretações e novos conceitos sobre o mundo a partir de suas idiossincrasias. Em contraposição à política salazarista, buscou proposições que pudessem comprovar as suas teorias através do que chamou de “lucidez inconsciente”, uma forma cuja impressão sobre os acontecimentos nunca pretendeu uma razão coerente do presente.

Pronto a intuir considerações sobre os diversos assuntos que fundamentaram a sua vida, acabou escolhendo o diário como forma de alcançar o real. A apreensão do cotidiano sob a forma diarística logo chegou à poesia: as imagens de sua “lucidez inconsciente” apreendidas e subjulgadas à revelia do consciente evitavam, como bem define o poeta, cair no “Abismo dos Cérebros Sugados”, aqueles “Cabeças Ocas” que escrevem e recitam com lábios de microfone frio.¹ Com uma escrita filosófica e de preocupações sociais, José Gomes Ferreira desfilou em sua jornada literária exemplos sobre quase tudo, e, mesmo que os temas mais recorrentes como a morte, a liberdade, a solidão, entre outros, se repetissem, nunca foram vistos da mesma forma.

Em *Imitação dos dias*, José Gomes Ferreira levanta a seguinte questão: “a imposição ideológica (de qualquer carácter, moral, político, religioso) não será uma

¹ FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*. p. 83.

limitação da liberdade do poeta?”. A resposta é dada com base na concepção da responsabilidade das informações colhidas no cotidiano, na convivência com os outros.

Um homem nasce. Baptizam-no. Ou não o baptizam. Depois, a mãe, a avó, o pai, as criadas, as vizinhas, os amigos, os professores, os livros escolares, os jornais, as histórias aos quadrinhos, a rádio, a televisão, o raio-que-os-parta-a-todos metem-lhe opiniões na pele, incutem-lhe sugestões e imbecilidades, justamente na idade inocente em que tudo é fantástico e natural, desde os mitos mais parvos à adoração de ídolos para ingênuos toscos.

Mas quem considera isto *imposição* de orientação ideológica? Obedecer a essas forças, impostas na infância e na adolescência – quantas vezes à custa do medo do papão, do inferno, de palmatoadas, de zeros na caderneta, ralhos, de bruxas, do “homem do saco”, da polícia –, é o que por via de regra se chama liberdade. A liberdade do artista.

Ora pergunto eu, milhões de vezes tenho perguntado a mim mesmo, neste desespero de arrancar os cabelos diante do espelho: a liberdade é o “involuntário” inconsciente ou “o voluntário” de reagir livremente contra o que nos impuseram, por intermédio de insinuações sub-repitiças ou à pancada, no período de alma aberta da infância?

Quando a roseira diz: “Não quero dar rosas! Prefiro dar punhais!”, afirma-se menos livre do que a roseira que continua apenas a desfazer-se em rosas de herança passiva?²

É entre a fissura do choque do mundo idealizado e do mundo real que a literatura de José Gomes Ferreira se impõe, tendo em sua raiz a liberdade como sombra para tudo que fosse escrito. A respeito do tema da liberdade, Gerd Bornheim em *As medidas da Liberdade* afirma que “o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade”.³ Partindo dessa suposta falta o poeta propõe revelar, a partir de suas experiências, o sentido do caráter humano no qual o tema da liberdade se ramifica em outros discursos que margeiam a sua escrita. Ainda com Gerd Bornheim, “a liberdade revela-se histórica de ponta a ponta, e já no sentido de que o homem em suas origens nada ostenta que poderia insinuar a presença da liberdade”.⁴ Para o filósofo esse sentido aponta para o que chama de “Um eu puro”. No entanto,

Não existe esse eu à espera de sua eclosão a ser provocada por coisas que lhe seriam totalmente estranhas, determinadas por uma exterioridade cega. Portanto, já nesse ponto de

² FERREIRA, J.G. *Imitação dos dias*. pp. 126-127.

³ BORNHEIM, G. “As medidas da liberdade”. In: NOVAES, A. (org) *O Averso da Liberdade*. p. 41.

⁴ BORNHEIM, G. “As medidas da liberdade”. In: NOVAES, A. (org) *O Averso da Liberdade*. p. 41.

partida histórico, parece evidente que as origens situam-se em três níveis principais: um, de ordem propriamente dita biológica, a confundir-se em suas primícias com os enredos da evolução das espécies; já o segundo, aferra-se aos contextos sociais, e a liberdade passa a ser o objetivo de uma longa e laboriosa conquista. Certamente cabe asseverar que aquele elemento biológico integra-se a seu modo nos processos de socialização política do homem. E é por aí que deve surgir também, em terceiro lugar, a lenta especificação das concordâncias psicológicas. Por tais caminhos, nem há liberdade única, e sim a grande diversidade, as histórias das liberdades, sempre no plural.⁵

Essa divisão proposta por G. Bornheim serve-nos de alicerce para começar a concluir a nossa leitura sobre o processo evolutivo da poética de Gomes Ferreira. Nos acontecimentos narrados em suas poesias e diários, os quais apontamos neste trabalho, foi possível perceber os fatores de ordem biológica, psicológica e sócio-política se entrecruzando para o desenvolvimento do eu lírico. Em seu diário *A memória das palavras*, ao acompanharmos o percurso do escritor no primeiro capítulo, compreendemos melhor o grau dessa divisão proposta acima na escrita de José Gomes Ferreira. Assim feito, foi possível acompanhar, através do diário, o perfil do poeta e justificar as suas intenções durante a sua caminhada até o seu reconhecimento em 1931, com o poema *Viver sempre também cansa*. A união do fator biológico com o psicológico pôde justificar o comportamento embotado do poeta que quando criança descobre o seu nariz “enorme”. Este sentimento que o acompanhou por muito tempo, no que podemos deduzir, contribuiu para o processo de autoconhecimento e de [re]conhecimento dele no mundo. O poeta, na busca de entender as suas dores e as do mundo, criou imagens singulares, a fim de entender o que lhe ia por dentro de si e fora, no mundo dos outros. “Oh esta comoção / de me sentir sozinho / no meio da multidão / – a ouvir o meu coração / no peito do vizinho”.⁶ Foi buscando significações para o mundo exterior e interior que o poeta construiu a sua poética à luz do século XX e nós, a fundamentação para o nosso trabalho.

Distinguir a realidade vivida pelo poeta e a sua forma de transformar isto em poesia foi uma das partes mais trabalhosas da nossa pesquisa, principalmente, quando durante a leitura de suas epígrafes, antes de quase todas as poesias reunidas por ele em 1977, foi possível perceber a dialética dos acontecimentos com a própria poesia. No entanto, o que chama a atenção é a “deformação” entre o acontecimento dos fatos e a significação destes

⁵ Ibid. p. 41- 42.

⁶ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* - Vol I p. 87.

nos poemas. A escrita parte de sua subjetividade, onde o fato pode ser facilmente diluído entre a sua opinião e o puro delírio de imagens, de acordo com os casos ocorridos. A sua poesia nunca desejou ser fiel à realidade, mas apresentar, através do recurso literário, uma outra significação, uma outra leitura aos acontecimentos por ele apreendido. Segundo Emmanuel Lévinas:

A realidade dada à receptividade e a significação que ela pode revestir parecem distinguir-se. Como se a experiência oferecesse primeiramente conteúdos – formas, solidez, aspereza, cor, som, sabor, odor, calor, peso, etc. – e como se, em seguida, todos estes conteúdos se animassem de metáforas, recebessem uma sobrecarga que os levasse para além do dado.⁷

Talvez por isso José Gomes Ferreira tenha adotado o cotidiano como fonte de abastecimento para as suas metáforas, sem esquecer que muito da sua produção nasce junto com o sistema político-social idealizado por Salazar. As suas imagens perpassam a história do homem moderno e retratam a sua própria experiência em Portugal, antes e durante o período do Estado Novo. Muitos aspectos do comportamento rotineiro geraram dúvidas por causa dos acontecimentos políticos do século XX, como foram as duas grandes guerras, a Guerra Civil Espanhola e a ditadura portuguesa. Em sua poesia, o presente sempre foi a maior estrela, não que o passado e o futuro não tivessem importância, mas era o presente que trazia o passado e o futuro à tona. Para Anthony Giddens, a ““arte de estar no presente” gera a autocompreensão necessária para planejar para a frente e para construir uma trajetória de vida de acordo com os desejos íntimos do indivíduo”.⁸ O presente é o fundamento da escrita diarística de José Gomes Ferreira: é a partir dele que o poeta se reconhece e reconhece também a sua intuição.

Segundo Emmanuel Lévinas:

Para Platão, para Hume, e até para os positivistas lógicos contemporâneos, a significação reduz-se a conteúdos dados à consciência. A intuição, na retidão de uma consciência, que acolhe dados, permanece a fonte de toda significação, quer estes dados sejam idéias, relações ou qualidades sensíveis. As significações levadas pela linguagem devem justificar-se numa reflexão sobre a consciência que as visa. Toda metáfora que a linguagem torna

⁷ LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*, p. 21.

⁸ GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*, p. 71.

possível deve ser reconduzida aos dados, dados estes que a linguagem é suspeita de ultrapassar abusivamente.⁹

Despertado pelos pequenos acontecimentos do dia-a-dia, o poeta soube desenvolver uma teoria sobre os fatos sem perder de vista *as forças do inconsciente*, como apontamos no primeiro capítulo. Essa “lucidez inconsciente” à qual se refere o poeta pode ser lida à luz da teoria de Emmanuel Lévinas sobre a quebra da noção de significação contínua em Husserl. Segundo o filósofo:

A intuição categorial – noção pela qual ele [Husserl] rompe com o empirismo sensualista – prolonga, na realidade, o intuitivismo da significação. As relações e as essências são, por sua vez, dadas. A intuição permanece a fonte de toda inteligibilidade. O sentido é dado na própria retidão que caracteriza a relação entre noese e o noema.¹⁰

José Gomes Ferreira, desde cedo, intuiu ser possível explorar o inconsciente de forma a obter metáforas mais próximas do real. A sua técnica propõe a união do consciente e do inconsciente de forma a provocar uma imagem mais clara, se assim possível, através do automatismo da escrita. A união entre inconsciente e consciente tornou-se possível e embriagadora em sua descoberta do verso livre, o qual o grupo de *Orpheu* já havia propagado. O poeta investiu em outras significações para o mundo moderno, diferentes das que já existiam. No entanto, seria ingênuo pensar ser possível captar o real como ele é sem “ultrapassar abusivamente” o mesmo, como afirma Emmanuel Lévinas. Ainda segundo o filósofo, “a receptividade pura, como um puro sensível sem significação, não seria senão um mito ou uma abstração”.¹¹

A literatura permitiu ao poeta sonhar um mundo melhor, um mundo de palavras, onde a ilusão paradoxal é parte integrante do real. A literatura é o lugar onde se pode fixar a significação do mundo frente à concepção de cada um sobre o real.

10 de Maio

⁹ LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*, p. 22

¹⁰ Ibid. p. 22-23.

¹¹ Ibid. p. 23.

Se um dia alguém ler estas páginas perguntará: “então este homem só se interessa por literatura e arte? Por mais nada?”

Ora! Para mim a literatura e arte são a superfície de outras razões mais profundas.
Mas só podemos comunicar com superfícies.¹²

Com uma escrita precisa e um grito pronto a irritar-lhe a garganta, contra o silêncio arrebatador durante a ditadura, desenvolve dentro de sua poética uma ação contra esse vazio, a qual chamou de a “estética do grito”.

(Mais um berro para contentar os que
na minha Poesia só amam a
Musa dos Gritos)

Ah! este silêncio que me persegue
no ruído dos Cafés, nos violinos gastos, na cara nua dos espelhos,
nos punhais decisivos, nos rumos dos carneiros cegos,
nos comícios da Certeza, nas mulheres com esqueletos de veludo,
e principalmente nesta noite caiada de silêncio
em que mais uma vez ponho cabelos numa espada a fingir de musa
– para cantar, gritar, lutar, morrer
aos vivas à Bandeira do Nada
dum mundo para todos!

E então entro no café de cabeça levantada
como se levasse de rastros,
à chicotada,
um rebanho de astros...

(Mas dentro de mim sempre este maldito silêncio que me persegue...) ¹³

Com a força e “a coragem de gritar ao mundo”¹⁴ todos os imbróglis naturais, o poeta preferiu muitas vezes “ir para casa / inventar a dor que não dói”¹⁵ para poder, assim, provocar na escrita uma reação contra a calmaria. “Ah que vontade de esbofetear o Silêncio!”¹⁶, pois ele acreditava que “os gritos são armas que só magoam nuvens”¹⁷. Mas como seguir sem gritar se é ele que traz a leveza da expectativa do próximo grito?

¹² FERREIRA, J.G. *Dias comuns IV – Laboratório de Cinzas*. p. 205.

¹³ Id. *Poeta Militante* - Vol II, p. 45.

¹⁴ Ibidem. - Vol II, p. 41.

¹⁵ Ibidem. - Vol II, p. 41.

¹⁶ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* - Vol II, p. 46.

¹⁷ Ibid. - Vol II, p. 46.

Gritei! – farto de ter sempre o mesmo peso exacto na balança.

E agora sinto-me mais leve por dentro das nuvens
em busca de um raio sujo qualquer,
esquecido pelas tempestades
nos alçapões do céu.

Gritei para me sentir só,
pertencer-me em onda viva no mar,
andar pelas ruas a derreter pedras,
ser punhal ardente,
esquecer-me de que existo.
Existir.
Os meus cabelos despentearam o vento.

E agora vou-me deitar
no meu leito de labaredas geladas e sussurros ao longe.¹⁸

A poesia foi, para José Gomes Ferreira, o lugar de serenar o eu. Lá o poeta pôde fechar-se sobre si mesmo, retirar-se, encolher-se, esconder-se, entocar-se.¹⁹ Na casa da palavra o poeta pode ser completo sem se guardar em silêncio, sem fugir para sempre, pois é fora da casa que o poeta se reinventa, se multiplica. São os acontecimentos diários, o passeio pelas ruas de Lisboa, a parada obrigatória nos cafés que geram anotações em seu caderninho de bolso.

16 de Novembro

Lembrei-me hoje de que a maioria dos poemas de Sonâmbulo (por exemplo) sonhei-os, improvisei-os na Rua da Palma e Avenida de Almirante Reis, quando voltava para casa, a altas horas de bóemia de solidão.

(...)

A minha poesia é talvez esta luta contra paredes, muros e pedras – na tentativa de atravessá-las, em busca do universo perdido...²⁰

Sem querer, ou talvez *por querer*, inconscientemente, sugeri a ilusão de que não tenho senão comandado o destino com a objectividade inteligente dum homem sempre alerta e apreendedor de exactidões. Quando em boa verdade tudo aconteceu entre nuvens, nessa semi-consciência do quotidiano dominado pelo ruído da engrenagem externa (do que menos nos recordamos depois, afinal).

Sim, eu sabia que desejava exprimir qualquer coisa que, de tão profunda, se tornara superfície. (A superfície é às vezes lodo baixo que se reflecte em ouro no cimo do lago).²¹

¹⁸ Ibid. - Vol III, p. 55-56

¹⁹ BACHELARD, G. *A poética do espaço*, p. 104.

²⁰ FERREIRA, J.G. *Dias Comuns – Passos Efêmeros*, p. 20.

O paradoxo da profundidade e da superfície exposto pelo poeta coincide com a busca pelo “universo perdido” podendo ser lido à luz do mistério na poética de José Gomes Ferreira. “Sempre o mistério do cume / por dentro do frio e do lume. / Sempre esta maldita repetição habituada / – que já não é mistério nem nada”. A busca por uma linguagem nova, diferente, veio com a necessidade de alcançar a forma ideal de poder falar do mundo sem agruras, pois para o poeta, usando as palavras de Emmanuel Lévinas, era “correto conceber como primordiais as significações que o costume liga às palavras que servem para exprimir nossas experiências imediatas e sensíveis”.²² A escrita de José Gomes Ferreira produz uma significação em sua totalidade. Para Emmanuel Lévinas, “A significação – enquanto totalidade clareadora e necessária à própria percepção – é um arranjo livre e criador: o olho que vê está *essencialmente* num corpo que é também mão e órgão de fonação, atividade criadora pelo gesto e pela linguagem”.²³

Poeta
– ofício de tecer respirações de homem
nas palavras só esse vento enfuna.

Desesperado ofício
de morder bruma.²⁴

O poeta não restringiu a significação do ser em um único sentido, para ele, usando as palavras de E. Lévinas, “a receptividade da visão não deveria ser interpretada com uma aptidão a receber impressões”,²⁵ somente. Entretanto, é a partir do olhar que o poeta conduz a significação do mundo.

Eu, o príncipe dos dias lúcidos
que dei os olhos ao sol
para de lá ver melhor o mundo
– onde os corações dos presos nos subterrâneos
tecem a luz própria da Terra
com o sexo das pedras e da lama.²⁶

²¹ FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*, p. 209.

²² LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*, p. 24.

²³ Ibid. p. 27.

²⁴ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* – Vol III, p. 112.

²⁵ LÉVINAS, op. cit., p. 28.

²⁶ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* – Vol II, p. 243.

Esse olhar que tem por princípio a “lucidez inconsciente” não deseja reinventar o presente, mas criar, sem limitações, novas significações para o mundo; por isso pede:

Vai-te, Poesia!

Deixe-me ver friamente
a realidade nua
sem ninfas de iludir
ou violinos de lua.²⁷

A nossa leitura sobre a escrita diarística de José Gomes Ferreira levou-nos a entender melhor o caminho oblíquo da construção de sua literatura. Ao longo do nosso trabalho percebemos uma espécie de “léxico reduzido”, como bem definiu Mário Dionísio em prefácio do primeiro volume de o *Poeta Militante*. Com palavra simples, o poeta foi capaz de criar em sua

[...] oficina aparentemente modesta, uma linguagem pessoal inconfundível e indiscutivelmente moderna. Com perícia, a delícia e a demora do artesão experimentado que desmancha e junta peças já usadas, as desarticula e articula em novas combinações, fazendo delas, com o calor da sua mão e o sabor do ofício, algo que nunca existira e nos faz perguntar: como é possível?

Tentaremos responder dizendo que foi o aproveitamento máximo do automatismo da escrita, como afirma o poeta em *A memória das palavras*, onde ironiza com um comentário entre parênteses chamando a “lucidez inconsciente” de (a “fúria” inspirada), que fez da sua escrita uma novidade no mundo das letras portuguesas. A “máquina automática” levou-o a entender que em literatura “não há defeito, desconcerto ou malefício que, com pouquinho de atenção, não se possa converter em virtude”.²⁸

Aprendemos com Norbert Elias que “a relação dos indivíduos e a sociedade é uma coisa singular”.²⁹ Aproveitando o pensamento do sociólogo alemão, gostaríamos de dizer que aprendemos com José Gomes Ferreira que a relação da poesia com o cotidiano é algo

²⁷ Ibid, Vol. II. p. 68.

²⁸ FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*. p. 201.

²⁹ ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. p. 25

singular e ilimitado de idéias. O simbolismo do cotidiano proposto pelo poeta não se resume ao símbolo, as imagens não descritivas nunca foram explicadas ou definidas de fato. A apreensão dos acontecimentos e coisas, misturada ao automatismo da escrita, nunca teve em José Gomes Ferreira a obrigação para com as evidências e leituras dos outros com o real. A sua escrita evidencia aspectos conscientes e inconscientes da sua percepção do real, no afã de provocar no leitor a sua natureza em construção de acordo com a sua natureza inconsciente, sem fechar a realidade numa única verdade. Daí a sua deambulação pelo mundo das palavras “usadas” desarticulando-as e articulando-as, como bem definiu Mário Dionísio, na sede de poder exprimir o inexprimível até então.

Depois, encostado à mesa,
tirei da boca um pássaro a cantar
e enfiei com ele a Natureza
das árvores em torno
a cheirarem ao luar
que imagino.³⁰

Embora o recorte por nós escolhido tenha nos proporcionado uma leitura bastante próxima do universo de José Gomes Ferreira, fica-nos a sensação de um vazio por conta do turbilhão de idéias que a obra deste brilhante poeta incita. Apesar da nossa satisfação em relação ao tema e do caminho por nós trilhado até a obra do poeta, temos a certeza de que há muita coisa para se falar do universo literário de Gomes Ferreira. Temos a noção de que não foi possível esgotar tudo dentro de sua poética, mas ainda sim, esperamos ter contribuído para a reflexão sobre a sua obra. A cada [re]leitura de um poema ou um trecho de um de seus diários lembramos que não falamos de um determinado assunto. No entanto, o nosso prazer em esmiuçar o universo cheio de nuvens e esqueletos de flores foi incomensurável, pois aprendemos, também, a nos questionar e a aprender, a cada pergunta feita por ele.

³⁰ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* Vol. II. p. 55.